

A LEITURA SENSÍVEL NO TRABALHO DO REVISOR DE TEXTOS: DA REFLEXÃO À PRÁTICA

LETÍCIA CHRISOSTOMO BORTT MOREIRA¹; HELOISA HELENA DUVAL DE AZEVEDO²; LUCIANE BOTELHO MARTINS³

¹Universidade Federal de Pelotas – leticiabortt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – profa.heloisa.duval@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luciane.martins@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a estratégia de leitura chamada leitura sensível. Essa estratégia é comumente difundida no mercado editorial e nos estudos literários, Segundo NAPARO (2023), em “*Práticas de leitura sensível na revisão de textos literários*”, a leitura sensível tem como finalidade corrigir incongruências lexicais e estruturas problemáticas que resultam em expressões e/ou termos preconceituosos, relativos a pessoas ou grupos minoritários. No entanto, aqui, por acreditarmos que a leitura sensível não pode e nem deve ser apenas instrumento prático na revisão de textos literários, nós iremos discuti-la ligada ao campo da linguagem, especialmente no campo da prática da revisão de textos, utilizando as perspectivas semânticas e discursivas da Análise de Discurso (AD), propostas por Eni Puccinelli Orlandi, no livro *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos* (2012).

Para Orlandi (2012), no que diz respeito à teoria da AD, todo discurso apresenta interpelações ideológicas do sujeito produtor/autor, uma vez que, para ela, todo indivíduo se caracteriza como sujeito no mundo quando manifesta, na língua, sua formação discursiva – acometida, inconscientemente, pela construção de uma estrutura social a qual o sujeito está condicionado na sociedade. Partindo desse ponto, podemos dizer que toda produção discursiva apresenta traços e valores ideológicos dentro de sua manifestação. Daí, vem a relevância da Análise de Discurso para a revisão de textos, pois o trabalho da revisão é a tentativa de uniformizar¹ possíveis problemas da língua – comumente, como se conhece: desvios ortográficos e gramaticais –, mas também problemas de linguagem, que podemos caracterizar como as inúmeras possibilidades do indivíduo em transmitir ideias a partir da estrutura da língua. Problemas desse campo são, obviamente, indetectáveis por programas de edição de textos (IA), uma vez que produzem sentidos ideologicamente construídos, e entram também para o campo da interpretação humana.

Explicadas nossas premissas para este trabalho, mostraremos, a seguir, o efeito da realização da leitura sensível na prática de revisão de textos.

¹ Diferentemente do trabalho do que é a prática de revisão de textos, que tem como princípio a uniformidade, concretude e padronização do texto, a teoria de AD não considera que seja possível uniformizar qualquer texto/discurso, ou sequer crê na possibilidade ou tentativa de transformar qualquer texto nulo de qualquer valor ideológico. Isso porque essa teoria parte da ideia de que toda manifestação materializada da língua produz sentidos/discursos ideológicos. No entanto, aqui, utilizamos as premissas da AD para solucionar contradições discursivas que podem produzir formas discriminatórias ou preconceituosas dentro de um texto/discurso.

2. METODOLOGIA

O trabalho do revisor atual dá-se não mais pelo meio impresso, mas sim pelo meio digital. Devido a esse fato, não diferentemente, a prática de revisão de texto que será apresentada neste trabalho também ocorreu de forma digital, via programa de edição de textos; nesse caso, exclusivamente no Google Docs. A revisão aconteceu depois do texto estar devidamente finalizado por parte dos autores. A partir disso, a revisão ocorreu via “controle de alterações/edição”, ferramenta comumente usada para efetuar todo e qualquer trabalho de revisão textual para que haja distinção entre o texto original e as sugestões realizadas pelo profissional de revisão. Houve também a revisão através das artes produzidas para o evento. Nesse caso, a revisão ocorreu via imagem, utilizando a opção “fazer sugestões” diretamente na imagem armazenada em formato PDF.

Depois de apresentarmos a leitura sensível e o pensar discursivo, a pergunta ainda fica: como efetuar essa abordagem? Qual a forma mais adequada de pôr no papel essa prática? Para responder isso, a seguir, apresentamos alguns excertos de uma revisão de textos realizada para divulgar um evento voltado aos povos originários dentro da Universidade Federal de Pelotas. Apontamos que todos os textos revisados continham dois propósitos enunciativos: fins informativos e fins didáticos. Os informativos eram posters que seriam divulgados nas redes sociais do Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular² e distribuídos em outros campi da Universidade para a divulgação do evento. Já o didático, tratava-se de um infográfico com a finalidade de expor a história da mandioca. Todos os textos revisados foram escritos por uma parcela dos bolsistas do Programa de Educação Tutorial – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular. Ou seja, os textos foram escritos por pessoas não indígenas e pessoas que não são especializadas em algum curso de comunicação. Apenas o revisor dos textos, e autor principal deste trabalho, possui graduação na área de Letras – Redação e Revisão de Textos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de exemplificarmos o efeito da estratégia de leitura sensível na prática, sinalizamos que, por este trabalho se tratar de um resumo expandido, não será possível inserir todas as revisões e sugestões feitas, seja a nível ortográfico, lexical e linguístico, quanto todas as revisões realizadas pensando nas contradições e tópicos ideológicos no que tange o aspecto da leitura sensível. Portanto, para fins de exemplificação, selecionamos apenas dois fenômenos presentes nos textos revisados.

Ademais, a atividade de revisão foi concluída antes do dia 19 de abril de 2023, dia em que ocorreu o evento promovido e todas as sugestões de alteração foram aceitas pelo grupo, logo o trabalho de revisão foi concluído. Nosso objetivo aqui é o de elucidar como se dá/deu, na prática, o ato de revisar levando em conta as premissas da leitura sensível e da Análise de Discurso Francesa.

A seguir, mostraremos a figura 1, que apresenta a arte e o texto informativo original (sem intervenção do revisor), e a figura 2, relativa a mesma arte e ao mesmo texto informativo (após a intervenção do revisor):

² Grupo multidisciplinar que integra o Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal de Pelotas.



Figura 1: arte e texto iniciais, sem revisão, com destaques em vermelho.

Figura 2: arte e texto finais, revisados, com destaques em verde.

Segundo as informações contidas no site da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul e as recomendações feitas no site da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal, deve-se ter o cuidado para não utilizar o termo *tribo*, uma vez que, assim como o termo *índio*, manifesta tom pejorativo e estereotipado em torno dos povos originários. Além de desaconselhar o uso, ambos os sites apresentam as formas adequadas de denominar tanto os territórios ocupados pelos indígenas quanto às formas de tratamento para denominar esses grupos. No que diz respeito ao site da Secretaria de Cultura do Estado, ao invés do uso de *tribo*, indica-se o uso de território indígena (TI) ou aldeia. Já pela Secom, os usos recomendados são: aldeia, terra ou território indígena. Pois bem, de acordo com essas duas fontes referenciais, podemos confirmar que o termo *tribo* não é um termo adequado para se referir nem aos TIs e nem aos povos originários. Partiremos para a outra intervenção:

~~No~~Uma das lendas do folclore indígena, ~~há uma lenda que diz~~ que um Pppajê, enlutado pela morte de sua filha, enterrou uma raiz de mandioca em sua homenagem; o

Figura 3: Recorte da revisão feita para o infográfico sobre a história da mandioca nas culinárias indígenas.

Aqui, trata-se da revisão feita para o infográfico da história da mandioca. Aqui, o problema de contradição que notamos é mais sutil. Para contextualizar: o texto trata da história da mandioca e dos diversos povos originários que usavam esse alimento, chegando a mencioná-los no texto. No entanto, nesse trecho, notamos um problema de generalização do que é cultura indígena, que resulta numa generalização categorizada de folclore indígena. Vejamos, se anteriormente, no texto revisado, foi mencionado seis povos diferentes que usavam a mandioca – e partindo do pressuposto que todo grupo indígena possui sua própria cultura e especificidades – como podemos resumi-los a um folclore indígena? E se, caso ainda isso não seja o ponto alto da discussão: de que cultura indígena esse folclore vem? Por essa intervenção ser mais profunda e

necessitar das referências usadas pelos autores, o revisor comunicou o tipo de contradição aos autores do texto. Nesse caso, eles optaram por manter a forma, devido à incerteza da informação que tinham e em razão da única fonte que tinham encontrado sobre o assunto. No mais, eles aceitaram a sugestão escrita do revisor para tentar, ao menos, diminuir a forma generalizada da história dos povos, para uma generalização ampla da lenda folclórica em questão, através do deslocamento do artigo indefinido e do uso de plural, proporcionando vagueza e imprecisão para o texto.

Mas a pergunta que fica é: como o revisor está apto para notar e resolver esses tipos de contradições e incongruências em um texto? Além do revisor ter contato direto com manuais, glossários e dicionários, a aptidão na tarefa surge, na visão dos autores deste trabalho, a partir do conhecimento das áreas linguísticas e gramaticais que o profissional do texto possui. Isso inclui desde estruturas lexicais até estruturas discursivas. Além disso, o conhecimento no campo das ciências humanas e sociais, os conhecimentos de estratégias de leitura e também de compreensão textual são instrumentos que propiciam que o revisor esteja apto para reconhecer esses desvios na área da discursividade e, por fim, minimizá-los.

4. CONCLUSÕES

Podemos concluir que, tanto o uso de estratégias de leitura – aqui, no entanto, tratando exclusivamente da estratégia de leitura sensível –, quanto a consciência dos conceitos propostos pela teoria da Análise de Discurso Francesa, são fundamentais para o profissional que trabalha com revisão de textos. Além disso, podemos supor que a leitura sensível acarreta numa revisão sensível para o texto revisado, uma vez que essa leitura resulta numa conformidade discursiva textual com a finalidade de atingir o propósito comunicativo desejado: o de minimizar contradições ideológicas presentes no texto original, que são caracterizados como desvios oriundos das relações de poder presentes na estrutura social que causam efeitos no sujeito. Bem da maneira como até mesmo a posição social que ele ocupa nesse sistema afeta seu discurso sem que ele tenha consciência, mas sim sendo interpelado inconscientemente pela estrutura que o cerca.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NAPARO, B.S. **Práticas de leitura sensível na revisão de textos literários**. 2023. Monografia (graduação em Letras – Redação e Revisão de Textos) Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Acessado em 29 ago. 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rrt/files/2023/02/Brenda-da-Silva-Naparo.pdf>

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SECRETARIA DE CULTURA DO RIO GRANDE DO SUL. **É correto falar TRIBO indígena?** 29/06/2021. Acessado em 29 ago. 2023. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/e-correto-falar-tribo-indigena>

SENADO FEDERAL. **Estilo: Indígena e etnia**. Acessado em 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio>